

A POESIA ESTÁ ONDE MENOS SE ESPERA

Quando fui mãe pela segunda vez, toda a poesia que geralmente encontramos para definir a beleza de um nascimento parecia ter-se esvaído. O Rafael nasceu às 30 semanas e eu entrei em modo de sobrevivência. Mais do que nunca senti-me mãe no estado mais puro. O meu pensamento era objetivo, o meu corpo protetor, a minha alma em suspenso. Naqueles 37 dias passados aqui, no serviço de neonatologia do Hospital Fernando da Fonseca, dava conta de cada respiração, de cada movimento, de cada alarme, da temperatura daquele corpo pequeno, muito pequeno, que segurava o meu dedo com tanta força. A sensação era de estar num útero gigante, onde eu própria estava incubada com ele. Uma mãe em gestação, em aprendizagem da sua nova realidade. Graças à equipa de extraordinária excelência, atenção e cuidado, pude aprender a baixar o ritmo do meu coração ansioso e desfrutar do meu filho naquele espaço asséptico, que pouco tem a ver com um "lar doce lar". Apesar do primeiro susto, o percurso do Rafael até foi bastante tranquilo, e cada conquista foi celebrada! Guardo com especial carinho a primeira vez que vi o meu filho com um gorro na cabeça, quando mamou pela primeira vez, ou quando uma enfermeira registou o seu pezinho com tinta azul num cartão para me oferecer. Foram momentos que humanizaram a nossa presença aqui.

A pouco e pouco fui olhando à minha volta, percebendo que a minha história era similar à das outras mães que comigo partilhavam aquele espaço. Vivemos em comum, partilhámos a intimidade, e em todos os olhares um misto de doçura e resiliência.

Olhei melhor, e fui percebendo as carências materiais deste hospital (comuns a muitos outros hospitais públicos deste país): almofadas de amamentação envelhecidas, mantas, gorros, kits de amamentação em falta - porque é preciso estar sempre a esterilizar todos os materiais e há um desgaste inevitável. Naqueles dias longos do verão de 2016 pensei que talvez fosse possível fazer alguma coisa. Vi um post do Município da Amadora a desafiar a entrega de projetos dirigidos à população sénior. Senti que era a minha oportunidade. E num misto de vontade de agradecer à equipa que cuidou do meu filho e de sensação de epifania de que algo tão simples podia fazer a diferença, desafiei o Gabinete de Intervenção Social da câmara com o projeto DO MAIOR PARA O MAIS PEQUENO. A ideia foi recebida pela Dra. Ana Moreno e pela Dra. Sandra Pereira de

braços abertos e sorrisos francos. Foram desafiadas instituições do concelho, e 5 aceitaram o desafio, passo a citar: Associação Feixe Luminoso, Casal Popular da Damaia, Junta de Freguesia Mãe d'Água, Junta de Freguesia das Águas Livres e SFRAA-Quinta de São Miguel. Foram então desafiadas a produzir gorros, mantas e almofadas de amamentação adaptados à realidade dos prematuros. As coordenadoras de cada instituição geriram de forma apaixonada cada etapa do desafio. As senhoras, de forma sábia, deram uso às agulhas, lãs e tecidos, produzindo peças únicas repletas de amor para oferecer. Os meus olhos marejaram perante tanta entrega e paixão. Recebi entretanto a notícia de que uma empresa sediada no concelho, a Roche, iria oferecer os kits de amamentação e frascos para a recolha de leite. O projeto já não era só meu, mas da comunidade da minha cidade. E está aqui hoje concretizado. Estou muito feliz. A todos agradeço do fundo do coração. À Câmara Municipal da Amadora e à presidente Dra. Carla Tavares, ao Gabinete de Intervenção Social e às Dras Ana Moreno e Sandra Pereira, às instituições, a cada senhora que dedicou o seu tempo a esta causa, à Roche, ao conselho de administração do Hospital Fernando Fonseca e uma palavra especial de agradecimento dra Rosalina Barroso, à enfermeira chefe Sónia Semião e à equipa incansável do serviço de neonatologia, que teve sempre uma palavra de conforto e ânimo a par da sua lucidez e profissionalismo.

Amadora, 1 de junho de 2017

Carla Chambel